

Pelo Fim da Violência contra as Mulheres

Comemorou-se no passado dia 25 de Novembro o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, data instituída pela ONU desde 1999 para mobilizar a sociedade em todo o mundo contra esse flagelo.

Em Portugal, desde 2004 e até final de Novembro deste ano, isto é, nos últimos 14 anos de recolhas de dados pelo Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), um projecto da UMAR, contabilizou-se a morte de 472 mulheres às mãos dos seus companheiros, ex-companheiros ou familiares. Este ano foram mortas 18 mulheres e ocorreram 23 tentativas de homicídio.

No distrito de Setúbal foram 46 as mulheres assassinadas em 14 anos. Este ano não houve nenhuma ocorrência mortal no distrito, mas 5 tentativas de homicídio. Felizmente não há registo de ocorrências no concelho do Seixal, mas todos e todas sabemos que o fenómeno da violência doméstica persiste e que é um historial de presença de violência doméstica na relação de conjugalidade ou de intimidade entre a vítima e o agressor que não poucas vezes leva a um desenlace fatal.

A nível internacional os números dizem que em 3 mulheres uma já foi ou será vítima de algum tipo de violência. Mesmo que a violência não nos afecte, intervir, denunciar, apoiar e lutar pela sua erradicação são deveres da cidadania e de uma sociedade decente.

Sabemos que o aumento das participações corresponde a uma maior consciência dos direitos que levaram a que alguém deixasse de ter vergonha, que alguém decidisse intervir, que alguém deixasse o silêncio e pedisse ajuda. Sabemos que o facto de haver mais participações significa que agora há mais consciência dos direitos, as campanhas e as organizações de direitos das mulheres têm feito um caminho, mas é impossível que esta constatação nos satisfaça. Uma que seja é uma vida que foi abusivamente retirada.

A violência contra as mulheres é um problema de poder, de justiça, de igualdade, de educação, de segurança e deriva de uma discriminação de género que está na base da sociedade sexista e desigual em que vivemos.

Temos leis. Temos planos contra a violência de género e para a igualdade. Mas a lei não basta; por isso, os membros da sociedade têm que intervir, denunciar e não fechar os olhos. A prevenção é fundamental, as campanhas, todos os meios que eduquem para o respeito, a não discriminação, a cidadania têm de ser constantes e eficazes. A justiça tem que ser rápida e tem que dar sinais claros de que protege as vítimas e pune os agressores.

O concelho do Seixal recebeu por duas vezes o prémio Viver em Igualdade e tem estado atento à problemática das discriminações e da violência de género. Mas não podemos parar. São precisas acções mais fortes de sensibilização e informação de toda a população sobre esta temática. As políticas locais não podem ignorar que por mais que a lei tenha avançado, as mulheres continuam a ser vítimas de violência e de estereótipos ultrapassados - vítimas da dupla jornada de trabalho, da precariedade, dos “telhados de vidro”, das violências de género, de crimes sexuais; vítimas, ainda, de múltiplas formas de discriminação como o racismo, a xenofobia e a negação do direito fundamental à autodeterminação de género e sexual, entre outras.

Assim, a Assembleia de Freguesia de Amora, reunida em sessão ordinária a 20 de Dezembro de 2017, delibera:

1. Apelar aos cidadãos e às cidadãs para que se mobilizem contra a violência de género e as discriminações
2. Desenhar campanhas de sensibilização e informação da população para esta problemática, no âmbito das parcerias da Rede Social do nosso concelho.

Amora, 20 de Dezembro de 2017

As eleitas pelo Bloco de Esquerda à Assembleia de Freguesia de Amora